

**REDES SOCIAIS NO PROCESSO EDUCACIONAL:  
RELATO DE EXPERIÊNCIA DO USO DO FACEBOOK  
EM AULAS DE REDAÇÃO TÉCNICA  
E APRESENTAÇÃO ORAL**

*Patrícia Jerônimo Sobrinho* (UNIGRANRIO)  
[professoremacao@gmail.com](mailto:professoremacao@gmail.com)

**RESUMO**

Inovações tecnológicas dos mais variados tipos introduzem transformações políticas, econômicas e sociais no cotidiano dos indivíduos. Tais inovações também têm modificado a educação, uma vez que esta não pode ficar alheia a esse processo. Assim, diferentes tecnologias vêm sendo implantadas na sala de aula, proporcionando novas formas de aprender, ensinar e produzir conhecimento. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo descrever um relato de experiência sobre o uso do Facebook na disciplina redação técnica e apresentação oral como auxílio no processo de ensino e aprendizagem, em uma instituição privada do Rio de Janeiro. As conclusões apontam que, quando utilizadas com propósitos educacionais que visem a propiciar a aprendizagem do aluno, as tecnologias podem trazer contribuições significativas para a sala de aula.

**Palavras-chave:** Redes sociais. Processo educacional.  
Facebook. Aula de redação técnica. Apresentação oral.

**1. Introdução**

Mudanças ocasionadas pelos avanços tecnológicos, juntamente com as transformações sociais e econômicas, revolucionaram o modo como nos comunicamos, nos relacionamos com as pessoas, os objetos, enfim, com o mundo ao nosso redor. Atualmente, “a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas.” (CASTELLS, 1999, p. 43). Tais ferramentas tecnológicas estão presentes em praticamente todas as atividades humanas e a educação não poderia ficar a par desse processo.

A educação tem buscado se adequar aos novos ritmos e necessidades ocasionados pelas inovações tecnológicas. De acordo com Lévy (1998, p. 17), “a escrita, a leitura, a escuta, o jogo e a composição musical, a visão e a elaboração das imagens, a concepção, a perícia, o ensino e o aprendizado” têm sido reestruturados por esses aparatos tecnológicos.

Assim, hoje, não se tem como pensar em educação sem levar em consideração a tecnologia. Esta tem ocupado um espaço considerado sig-

nificativo no cotidiano das pessoas e, como tal, não pode ser ignorada. É preciso, portanto, identificar e conhecer o mundo marcado pelas inovações tecnológicas, o modo como estas interagem na vida dos sujeitos, e suas relações com a sociedade atual.

Tendo em vista esse cenário, o presente trabalho objetiva descrever um relato de experiência sobre o uso do *Facebook* na disciplina “Redação Técnica e Apresentação Oral” como auxílio no processo de ensino e aprendizagem, em uma instituição privada do Rio de Janeiro.

## **2. O uso do computador na educação**

O computador, visto aqui como um dos principais suportes da internet (hoje existem outros aparatos tecnológicos que dispõem de acesso à internet, como: telefone celular, aparelho de televisão, *palmtop*, *ipad* etc.), tem sido utilizado, atualmente, como ferramenta de mediação entre o homem e o conhecimento, conforme destaca Lévy (1998, p. 17): "A mediação digital remodela certas atividades cognitivas fundamentais que envolvem a linguagem, a sensibilidade, o conhecimento e a imaginação inventiva."

Diante das possibilidades interativas e comunicacionais, o computador vem proporcionando aos sujeitos formas diversas de interagir e de participar do compartilhamento de conhecimentos. Segundo Valente:

O uso do computador em ambientes de aprendizagem implica em entender o computador como uma nova maneira de representar o conhecimento, provocando um redimensionamento dos conceitos já conhecidos e possibilitando a busca e compreensão de novas ideias e valores. (VALENTE, 1993, p. 7)

A inserção de computadores nas práticas escolares vem contribuindo para o processo de ensino e aprendizagem, sendo utilizados das mais distintas maneiras, para atingir diferentes objetivos. Quando Castells (1999, p. 51) pontua que “as novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos”, ele nos faz repensar sobre as novas formas de ensinar e de aprender que surgem nesse novo tempo, mediado pelas tecnologias.

Santos (2002) destaca que o computador não deve ser apenas um meio para dinamizar e promover uma nova materialização da informação, mas sim, que ele deve permitir “a interconexão de sujeitos, de espaços e/ou cenários de aprendizagem, exigindo, dos mesmos, novas ações

curriculares e ações em rede.” (SANTOS, 2002, p. 15). Esse novo paradigma educacional exige novas práticas e metodologias, a fim de tornar o processo de ensino e de aprendizagem mais significativo para o aluno.

Os professores, ao utilizarem o computador, propiciam aos alunos novas descobertas e ações criativas, somando conhecimentos aos conteúdos trabalhados em sala de aula. Sendo assim, “o computador passa a ser uma ferramenta educacional, uma ferramenta de complementação, de aperfeiçoamento e de possível mudança na qualidade de ensino.” (VALENTE, 1993, p. 5).

Nesse novo paradigma, tanto o papel do professor quanto do aluno modifica-se. Se no paradigma escolar tradicional prevalecia a imagem do professor transmitindo informação ao aluno e este memorizava o conteúdo, no atual, surge a imagem do aluno que constrói o seu próprio conhecimento, interagindo com as pessoas e com os objetos ao seu redor. Isso não que dizer que a figura do professor desaparece, mas se modifica.

No atual paradigma educacional, ocorre uma “quebra” de hierarquia, tanto por parte do aluno (que deixa de ser um espectador passivo) quanto por parte do professor (que deixa de ser o centro do processo de aprendizagem). Nesse sentido, o professor assume um papel de grande importância, porém não como um centralizador da aprendizagem, mas como um mediador:

[...] o professor medeia a relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de sua disciplina, mas considerando os conhecimentos, a experiência e os significados que os alunos trazem à sala de aula, seu potencial cognitivo, suas capacidades e interesses, seus procedimentos de pensar, seu modo de trabalhar. Ao mesmo tempo, o professor ajuda no questionamento dessas experiências e significados, provê condições e meios cognitivos para sua modificação por parte dos alunos e orienta-os, intencionalmente, para objetivos educativos. (LIBÂNEO, 2003, p. 13)

O ensino é visto como mediação, uma vez que se leva em consideração a aprendizagem ativa do aluno. Cabe ao professor a função de orientar e incentivar o aluno, proporcionando a ele condições para que a aprendizagem seja efetivamente construída.

Nesse cenário, o computador se constitui em uma ferramenta “rica”, que deve ter todas as suas potencialidades exploradas em sala de aula, proporcionando ao professor inúmeras possibilidades para enriquecer sua prática pedagógica com os mais diversos recursos como, por exemplo, o *Facebook*.

### 3. A rede social Facebook

A primeira noção de rede remete à ideia de conexão, de ligação, de agrupamento. Dentro dessa lógica, a Internet é vista como uma rede que congrega diversas pessoas, grupos, que mantêm relações entre si. Lévy chama essa nova forma de organização de “cultura do ciberespaço”, ou “cibercultura”:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo específica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 17).

A abordagem de Lévy aponta para as inovações trazidas pelos meios de comunicação, principalmente pela Internet, permitindo que relações sociais sejam estabelecidas no novo espaço de interação movido pela realidade virtual. Nesse sentido, o “ciberespaço” (ou rede), para ele, é um novo meio de comunicação oriundo da interligação mundial dos computadores.

Marteleto (2001, p. 72), denomina rede social “[...] o conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados.” Ou seja, a rede social funciona como um espaço para a troca de informação e de conhecimento, em que pessoas com os mesmos objetivos compartilham experiências.

O *Facebook* é considerado uma rede social, uma vez que permite pessoas conversarem entre si e compartilharem mensagens, links, vídeos e fotografias. De acordo com Santos (2009), essa rede social foi lançada em 2004 por Mark Zuckerberg, juntamente com os seus colegas Dustin Moskovitz, Chris Hughes e Eduardo Saverin. Inicialmente, era voltada apenas para os estudantes da universidade Harvard, mas, progressivamente, foi permitida a inscrição de outras pessoas.

O *Facebook* possui uma estrutura flexível, dinâmica, não centralizada, permitindo que os usuários se inter-relacionem sem hierarquia. A estrutura colaborativa e interativa dessa rede social vem trazendo novos olhares para se pensar a educação na cibercultura. O *Facebook* agrega relações horizontais de colaboração, o que pode proporcionar aos professores e aos alunos novos processos de ensinar e aprender na contemporaneidade, embora não tenha sido criado para objetivos educacionais.

#### **4. O uso do Facebook no processo de ensino-aprendizagem**

O uso do *Facebook* para o auxílio do processo de ensino e aprendizagem tornou-se realidade em uma instituição privada do Rio de Janeiro (capital), tendo em vista a necessidade de possibilitar ao aluno interagir e construir colaborativamente, não apenas consumindo conhecimento, mas gerando também.

Essa experiência foi realizada em uma turma, na disciplina “redação técnica e apresentação oral”, ministrada para alunos do curso de auxiliar técnico em logística. A turma era composta por 15 alunos, com idades entre 14 e 23 anos. A primeira tarefa foi dividir a turma em 4 grupos.

Chamada de “Comércio Online”, a atividade foi desenvolvida ao longo de quatro semanas, em quatro etapas, sendo as duas primeiras (elaboração da estratégia de preço e elaboração da estratégia de divulgação) realizadas em um grupo secreto (da própria turma) no *Facebook* “Soletrando Português”, para manter a privacidade dos participantes. Vale mencionar que as aulas presenciais com a turma eram ministradas apenas uma vez por semana. Sendo assim, ao longo da semana, o professor mediava a atividade com os alunos via *Facebook* (*scrap*, mensagens, bate-papo).

Na primeira etapa (Semana 1), foi explicada a dinâmica da atividade. Cada grupo receberia um valor fictício de mil reais (R\$ 1.000) para gastar. Desses mil reais, o grupo deveria comprar um produto, gastar duzentos reais (R\$ 200) para criar uma peça publicitária desse produto e setenta reais (R\$ 70) por dia para divulgá-lo no *Facebook* (até 20 palavras. A cada 10 palavras a mais, acrescentava-se o valor de R\$ 10). Não deveria sobrar nem faltar nenhum dinheiro.

Cabe ressaltar aqui que a logística de como os mil reais (R\$ 1.000,00) seriam aplicados, ficaria a critério de cada grupo. Ou o grupo compraria um produto mais caro e investiria em menos dias de divulgação no *Facebook*, ou adquiriria um produto menos caro e investiria em mais dias de anúncio. O grupo decidiria a melhor estratégia.

Ainda na primeira etapa, foi solicitado aos alunos que navegassem pela internet, a fim de escolher um produto. Eles pesquisaram, fizeram um comparativo de preços e cada grupo entrou em acordo sobre qual seria a melhor opção. O primeiro grupo escolheu um celular para ser anunciado; o segundo, um pacote de viagem; o terceiro; uma capa de celular;

o quarto, um boné de marca usado por rappers americanos.

Na segunda etapa (Semana 2), foi colocada em prática a criatividade dos alunos. Eles elaboraram a estratégia de divulgação online do produto escolhido, ou seja, a criação do marketing, da publicidade de produto. Para isso, antes foi dada uma aula sobre a linguagem publicitária, as cores na publicidade, o que os ajudaria a criar a peça publicitária. Essa etapa foi finalizada com a publicidade de produto pronta.

Já na terceira etapa (Semana 3), os alunos deveriam divulgar o produto no *Facebook*, juntamente com uma enquete. Para propiciar a participação de todos os alunos da instituição, almejando o compartilhamento de saberes que circulam para além do espaço físico da sala de aula, tanto a publicidade quanto a enquete foram publicadas em um grupo secreto da instituição. Nesse sentido, o trabalho, que antes foi realizado em um grupo secreto da turma, foi expandido para o grupo da instituição.

A enquete era o ponto chave da atividade, uma vez que, através dela, as pessoas poderiam votar na publicidade criada. Com a pergunta “Qual nota você daria para esta publicidade?”, os participantes do grupo da instituição avaliavam a publicidade divulgada, dando notas de zero a dez – sendo que na escala de zero a cinco, a pontuação recebida era cinco; e na escala de seis a dez, a pontuação era dez. Venceria o grupo que alcançasse a maior pontuação atingida com o marketing criado.

A última etapa (Semana 4), foi reservada para a apresentação dos resultados e entrega de um trabalho por escrito. Para expor os resultados, os alunos elaboraram uma apresentação em Power Point, valendo-se de gráficos, imagens, cores. Os alunos conheciam a ferramenta Power Point, porém não sabiam como estruturar uma apresentação. A fim de auxiliá-los nesse processo, na terceira etapa, foi dada uma aula sobre planejamento, técnicas de apresentação oral e, também, sobre a movimentação e a postura do “palestrante”.

O grupo vencedor foi o segundo, que criou a peça publicitária de um pacote de viagem (comprado em um site de compra coletiva) de dois dias para Ilha Grande com direito a mergulho, passeio de barco e luau. Na apresentação, o grupo destacou que a escolha do produto se deu devido a ele ser tentador tanto para o sexo feminino quanto para o masculino. Ressaltou ainda que, por ser um produto unissex, teria uma maior probabilidade de venda, em um menor tempo. Os demais grupos focaram em apenas um consumidor, ou masculino, ou feminino.

De acordo com o grupo vencedor, o produto mais caro e elaborado seria mais chamativo do que um barato e simples. Para os integrantes do grupo, se oferecessem um produto de qualidade, não seria necessário muitos dias de divulgação. Por isso, investiram mais no produto do que nos dias de divulgação.

O grupo pensou em apresentar algo que surpreendesse e ficasse no imaginário do indivíduo em tão pouco tempo. Para tanto, utilizou bastante recurso de imagens da Ilha Grande, em primeiro plano. No segundo plano, foi usado um tom azul para que o observador desejasse o litoral, o mar. Os benefícios sobressaíam no fundo azul e o preço, em cor vermelha, destacava-se ao final desses benefícios.

Como o programa da disciplina também continha redação técnica, foi solicitado aos alunos que produzissem um relatório (trabalho por escrito) contando detalhadamente as ações desenvolvidas na atividade. Para isso, na etapa 1, foi dada uma aula ensinando a fazer um relatório. O relatório elaborado pelos alunos foi fundamental na atividade, porque nele se pode verificar os *feedbacks* dos grupos.

Os grupos apontaram como aspectos positivos: conhecimento adquirido através de uma atividade prática e satisfação em participar da atividade, tendo uma integração com o grupo. Como aspectos negativos: poderia ter ocorrido um número maior de votos e poderia ter tido mais tempo para desenvolver a atividade. O fato de a atividade ter sido desenvolvida em grupos restritos do *Facebook* limitou a participação de pessoas externas à instituição, o que resultou em um número não tão grande de votos. Em relação à questão tempo, quando o aluno experimenta a sua própria aprendizagem, o tempo torna-se insuficiente para a realização de uma atividade.

## 5. Conclusão

A experiência aqui relatada mostra que, quando utilizadas com propósitos educacionais que visem a propiciar a aprendizagem do aluno, as tecnologias podem trazer contribuições significativas para a sala de aula.

Percebeu-se, pelas observações descritas, que o uso do *Facebook* proporcionou uma maior satisfação dos alunos em participar de uma atividade prática e também uma maior integração com o grupo durante a realização do trabalho. Isso demonstra que a memorização e a transmissão

de conteúdos, que são de baixa motivação para os alunos, “perdem espaço” à luz das práticas educacionais da cibercultura.

O *Facebook* (através de suas ferramentas) contempla um dos princípios educacionais de aprendizagem: a troca entre os pares, suscitando a pesquisa, a criticidade. O aluno não se limita apenas a receber os conteúdos propostos pelo professor. É preciso ir além, buscando o conhecimento com determinação, esforço e pesquisa. Na experiência relatada, os alunos se veem envolvidos com a sua própria prática de aprendizagem, sentindo-se integrantes, sujeitos, dela.

Ficou evidente a importância da mediação, via *Facebook*, do professor durante a atividade. Como os alunos só tinham uma aula por semana, as dúvidas eram sanadas através da própria rede social. O professor também provocava a participação dos alunos, mostrando a eles os caminhos a serem seguidos para que o objetivo da atividade fosse alcançado com sucesso.

A grande familiaridade com o *Facebook* facilitou o desenvolvimento da atividade, dinamizando e agregando sentido ao aprendizado, tornando-o atrativo, contextualizado aos interesses do grupo. O estudante saiu do papel de passividade passando a ser um sujeito responsável pelo seu aprendizado.

Assim, mais do que ser utilizado para conversar com amigos, compartilhar fotos e vídeos, o *Facebook* se revela uma importante ferramenta que pode potencializar o trabalho docente, ressignificando a sua forma de ensinar e facilitando o processo de ensino-aprendizagem.

Nesse contexto, reside o grande desafio para os professores em compreender e aproveitar os recursos oferecidos pelo *Facebook* a fim de construir novas formas de aprendizagem, tão necessárias diante de uma geração que é conectada às tecnologias de informação e de comunicação.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

LEVY, Pierre. *A máquina universo*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

\_\_\_\_\_. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIBÂNIO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora? Novas exi-*



*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

*gências educacionais e profissão docente*. 7. ed. São Paulo: Cortez 2003.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

SANTOS, Alexandre Carvalho dos. A misteriosa história do brasileiro que fundou o Facebook. *Super Interessante* [on-line]. 2009. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/tecnologia/misteriosa-historia-brasileiro-fundou-Facebook-611665.shtml>> Acesso em: 28-10-2013.

SANTOS, Edméa Oliveira dos. Formação de professores e cibercultura: novas práticas curriculares na educação presencial e a distância. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*. Salvador, v. 11, n. 17, p. 113-122, jan./jun., 2002.

VALENTE, José Armando. *Computadores e conhecimento: repensando a educação*. Campinas: Unicamp, 1993.